



## DIÁLOGOS SOBRE A ATUAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR NO PÓS-PANDEMIA DE COVID-19

### ALAN OLIVEIRA SOUZA<sup>1</sup>

Graduando de Psicologia - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) / [alan.oliveira@aluno.uepb.edu.br](mailto:alan.oliveira@aluno.uepb.edu.br)

### IKARO RAFAEL MARQUES DA SILVA<sup>1</sup>

Graduando de Psicologia - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) / [ikaro.silva@aluno.uepb.edu.br](mailto:ikaro.silva@aluno.uepb.edu.br)

### RAQUEL COELHO TORRES<sup>1</sup>

Graduanda de Psicologia - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) / [raquel.torres@aluno.uepb.edu.br](mailto:raquel.torres@aluno.uepb.edu.br)

### SABRINA BENICIO DA SILVA<sup>1</sup>

Graduanda de Psicologia - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) / [sabrina.benicio@aluno.uepb.edu.br](mailto:sabrina.benicio@aluno.uepb.edu.br)

### TATIANA CRISTINA VASCONCELOS<sup>2</sup>

Doutora em Educação - Universidade Estadual Do Rio de Janeiro (UERJ) / [tatianavasconcelos@servidor.uepb.edu.br](mailto:tatianavasconcelos@servidor.uepb.edu.br)

### RESUMO

Este estudo investiga a atuação do psicólogo escolar no contexto da pandemia da COVID-19, examinando os impactos psicológicos na educação e analisando as intervenções realizadas pela Psicologia Escolar. Para tanto, foi desenvolvido um estudo bibliográfico-exploratório abrangendo produções científicas publicadas entre 2018 e 2023 sobre as abordagens dos psicólogos escolares. A escuta, empregada como instrumento psicológico, demonstrou eficácia na identificação de comportamentos agressivos, ansiosos e depressivos, especialmente em crianças e adolescentes. Neste contexto, estas estratégias implementadas têm a potencialidade de serem aplicadas no atual cenário pós-pandêmico, com a disponibilização de serviços de suporte psicológico, como plantões de escuta e rodas de conversa, estimulando o autocuidado e fortalecendo a saúde mental dos estudantes diante dos novos desafios no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Psicologia escolar, COVID-19, suporte psicológico.

### ABSTRACT

This study investigates the role of the school psychologist in the context of the COVID-19 pandemic, examining the psychological impacts on education and analyzing the interventions carried out by School Psychology. To this end, an exploratory bibliographic study was conducted, covering scientific publications from 2018 to 2023 on the approaches of school psychologists. Psychological listening, employed as a psychological tool, demonstrated effectiveness in identifying aggressive, anxious, and depressive behaviors, especially in children and adolescents. In this context, these implemented strategies have the potential to be applied in the current post-pandemic scenario, with the provision of psychological support services such as listening sessions and group discussions, promoting self-care and strengthening students' mental health in the face of new challenges in the school environment.

**Key-words:** School psychology, COVID-19, psychological support.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduandos(a) em Psicologia (UEPB).

<sup>2</sup> Doutora em Educação (UERJ), Mestre em Psicologia Social (UEPB), Licenciada em Psicologia (UEPB), Bacharel em Psicologia (FIP), Especialista em Psicopedagogia (UCM) e Neuropsicologia (UNYLEYA).

---





A Psicologia Escolar e Educacional, no Brasil, tem sido objeto de reflexões e incertezas sobre sua atuação nas instituições de ensino. Diante das expectativas da escola e de seus profissionais, os psicólogos escolares muitas vezes são confundidos com psicólogos clínicos, o que tem instigado uma busca por parte desses profissionais em redefinir seu papel, uma vez que não há um modelo genérico estabelecido.

Na realidade brasileira, historicamente marcada por desigualdades sociais, o psicólogo escolar enfrenta o desafio de lidar com instituições que ignoram estas diferenças, muitas vezes culpando os estudantes que não se enquadram nos padrões e expectativas comportamentais da escola.

Com a crise global da COVID-19 em 2020, o psicólogo escolar se destacou pela rápida adaptação ao ensino remoto, mantendo suas intervenções escolares. Mas, com o isolamento social e o ensino à distância (EaD), as consequências psicossociais da pandemia se evidenciaram. Como revelou uma pesquisa do Instituto Ayrton Senna em 2022, que, além do comprometimento do processo de ensino e aprendizagem, 70% dos estudantes da rede pública de São Paulo estavam apresentando sintomas de depressão e ansiedade.

Considerando que as consequências da pandemia do COVID-19 estão sendo compreendidas e mensuradas com o tempo, este trabalho visa analisar alguns dos impactos psicológicos na educação e na subjetividade dos estudantes, dando ênfase à atuação do psicólogo escolar no período pós-pandêmico.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### O PAPEL DA PSICOLOGIA ESCOLAR

A Psicologia Escolar e Educacional surge no Brasil nos anos 1980, em meio à necessidade de uma abordagem psicológica que contribuísse para a qualidade do ensino e da aprendizagem, atuando na defesa dos direitos da população, contrariando os ideais hegemônicos que promovem a individualização (Camargo; Carneiro, 2020). Com a demanda crescente pelo psicólogo nos serviços, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) regulou, em 1992, a atuação dos psicólogos nas escolas, estabelecendo não apenas diagnóstico e intervenção psicológica, mas a participação institucional em projetos pedagógicos e políticos de cunho educacional (Silva; Silva, 2022).

Enquanto área multidisciplinar, a Psicologia Escolar tem reconstruído sua identidade profissional no Brasil por conta de pensamentos ultrapassados, como cita Rocha *et al.* (2018), que retratam o psicólogo como um “solucionador de problemas”, corrigindo os alunos problemáticos e os devolvendo à instituição. Isto ocorre devido às expectativas da equipe escolar, que segundo Groff e Souza (2020), enxerga a medicalização como única solução às dificuldades enfrentadas pelos estudantes, os culpabilizando pela não-aprendizagem e pelo fracasso escolar (Branco *et al.*, 2023). Então, o sistema de ensino brasileiro – ainda

---



estruturado em técnicas e métodos conservadores – persiste numa atuação clínica do psicólogo escolar, individualizando as queixas e demandas que surgem na escola.

Conforme Santana (2019), a escola é crucial para desenvolver o intelecto e social do aluno, mas é importante destacar que muitos dos processos, como o de aprendizagem, começam antes da ingressão escolar. A aquisição de conhecimento e de comportamento ocorre também a partir de outras experiências e fatores (Prado Netto; Costa, 2017). Então, a escola ocupa em sociedade um espaço a diferentes tipos de aprendizagens, que instigam ao desenvolvimento psicossocial e educacional da infância à vida adulta (Negreiros; Ferreira, 2021). Diante desse contexto, não há como a instituição, em meio às desigualdades sociais no Brasil, ter plena convicção de que os problemas escolares residem apenas nos alunos.

No Brasil, desde 2019, a Lei nº 13.935 exige serviços de psicologia nas escolas públicas, mas a presença tem sido mínima, em meio à falta de recursos (Oltamari *et al.*, 2020). Sem intervenção psicológica, a escola persiste em culpabilizar estudantes e medicalizar os processos educacionais, destacando o papel da Psicologia Escolar em combater esse processo de marginalização. A problemática vai além da sala de aula, como apontam Groff e Souza (2020), visto a ocorrência de falhas nas políticas públicas e no processo de formação dos educadores. Nesta perspectiva, Souza (2021) diz que a prática do psicólogo escolar não deve ser restrita à sala de aula, mas abrangente ao seu entorno. Por isso, a Psicologia Escolar promove uma atuação comprometida com humanização nas instituições de ensino, estimulando o professor a refletir criticamente o social (Acuna, 2020).

## **OS EFEITOS PSICOLÓGICOS DA COVID-19 NA EDUCAÇÃO**

Com a inesperada crise sanitária causada pela COVID-19, em 2020, foram adotadas medidas de segurança para evitar a proliferação do vírus. Seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil, um dos países mais afetados pela alta contaminação, incentivou o isolamento social, fechando instituições não consideradas essenciais, como escolas e universidades. Para evitar a interrupção total destas instituições, o Estado adotou o home office, um modelo improvisado, mas necessário para evitar o contágio, surgindo um método alternativo de ensino: o ensino remoto (Costa *et al.*, 2021).

Inserir tecnologias na educação não é necessariamente vantajoso, como é apontado por Costa Silva e Cintra da Silva (2022), pois tem ocorrido uma mercantilização da educação, buscando a obtenção de lucro ao invés de qualidade no ensino. O ensino remoto brasileiro, claramente despreparado, intensificou as desigualdades nas redes públicas de ensino básico e superior, privando os menos favorecidos de ter acesso a educação gratuita e de qualidade. Os indivíduos em vulnerabilidade social enfrentaram a falta de acesso à internet, computadores, ambiente e de alimentação adequada (Camargo; Carneiro, 2020).

Consequentemente, no pós-pandemia, Negreiros e Ferreira (2021) afirmam que os estudantes continuam a lidar com prejuízos no desenvolvimento, principalmente as crianças,

que perderam as experiências educativas e lúdicas do ensino presencial. As crianças diagnosticadas com necessidades educacionais específicas foram as mais afetadas devido às dificuldades de adaptação ao ensino remoto (Albuquerque et al., 2023).

Albuquerque *et al.* (2023) destaca que o comportamento dos jovens no ensino remoto foi preocupante, em meio à manifestações de raiva, negatividade, fúria, irritação, estresse e agressividade. Estudantes do ensino fundamental não tiveram avanços significativos nas habilidades de aprendizagem, apenas em habilidades domésticas. Por outro lado, foram identificados avanços no comportamento de alunos do ensino médio, onde os comportamentos autorregulatórios como aprendizagem e autonomia eram notáveis.

Os desdobramentos para adotar ao ensino remoto foram inusitados às crianças, pela substituição das rotinas escolares, brincadeiras e vínculos físicos por telas. Isto trouxe prejuízos até em contextos socialmente privilegiados, onde evidenciou-se as limitações familiares no estímulo à criatividade infantil, implicando no desentusiasmo pela aprendizagem (Negreiros; Ferreira, 2021). Em outros países, a realidade relatada por Albuquerque et al. (2023) expõe um contexto diferente do brasileiro, onde o isolamento social melhorou a relação parental devido à necessária inserção do pais na educação.

Negreiros e Ferreira (2021) afirmam que, no Brasil, possibilitar que as crianças lidassem com o vazio, pode ter desencadeado o desenvolvimento de futuras implicações, como adultos mais ansiosos, menos criativos e não autodidatas. Desta forma, Costa *et al.* (2021) repete a ideia de que o EaD agravou a educação pública – já desafiadora antes da pandemia – ampliando dificuldades de compreensão nas aulas e o tempo de exposição dos estudantes às telas ao optar por aulas síncronas e assíncronas (Albuquerque *et al.*, 2023).

Conforme Souza (2021), a criança adquire responsabilidade no espaço escolar por possibilitar a produção de erros, acertos, autodescobertas e reconhecimento. Freud relaciona esta capacidade de estabelecer afeto e amor próprio com o progresso da saúde mental, sendo provável que o isolamento social tenha comprometido o desenvolvimento dos jovens. As crescentes taxas de reprovação no ensino médio são consequências da falta de interação entre professores e alunos no remoto, o que comprometeu significativamente o processo de ensino e aprendizagem (Albuquerque *et al.*, 2023).

## **METODOLOGIA**

Este estudo foi conduzido por meio do método de pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa envolve a exploração da bibliografia existente, visando identificar, levantar e analisar o conhecimento já produzido sobre a temática em questão (Ruiz, 1992).

Os artigos foram obtidos por meio do Google Acadêmico, ferramenta de busca à literatura acadêmica brasileira, utilizando as palavras-chave “psicologia escolar” e “pós-pandemia” e com delimitação dos anos de publicação para 2018 e 2023, sendo encontrados

37 artigos. Foram selecionados 13 destes artigos; 24 foram descartados, por serem redundantes e não apresentarem novos dados e informações ao objetivo deste estudo.

A partir de uma leitura interpretativa e crítica dos artigos selecionados, com objetividade e imparcialidade, se estabeleceu correlações entre as ideias dos autores e os objetivos do estudo acerca da atuação da Psicologia Escolar no pós-pandemia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No retorno às aulas presenciais, houve o surgimento de um novo cenário escolar, onde estudantes precisam lidar com as implicações dos 2 anos fora da escola. Há dificuldades de adaptação aos novos conteúdos curriculares, de estabelecer relacionamentos com professores e colegas, e ainda, de lidar com as manifestações de ansiedade e depressão, junto de comportamentos lesivos e de ideações suicidas. Agora, no pós pandemia, os educadores têm se desafiado em adaptar as atividades educativas à nova dinâmica comportamental dos alunos, em meio às variações de humor e instabilidade emocional, que tem dificultado a construção de relações na escola; tudo isso, tendo que enfrentar a desvalorização da profissão e as implicações à poucas condições e materiais de trabalho (Souza, 2022).

Costa Silva e Cintra da Silva (2022) ressaltam que antes da COVID-19 já ocorria a patologização de crianças e adolescentes no cenário escolar, e agora esse fenômeno se intensificou, especialmente entre os estudantes que foram impedidos de acessar às aulas e/ou foram submetidos a aulas precárias durante a pandemia. Com isso, Souza (2022) destaca que estudantes que já enfrentavam dificuldades antes do distanciamento social podem agora manifestar novos problemas. Tornando indispensável a presença dos psicólogos escolares, que em colaboração com os demais educadores, devem ouvir a queixa dos jovens e se comprometerem a ajudá-los a se desenvolver.

Visto que o espaço de atuação da Psicologia nas escolas foi ampliado, Marinho-Araújo *et al.* (2022) ressalta que a pandemia da COVID-19 resignificou o papel do psicólogo. A partir de relatos de experiência e artigos de pesquisadores e psicólogos brasileiros, identificou-se a eficácia de ações e métodos desenvolvidos durante o isolamento. Atuações estas que podem ser reaproveitadas pelos psicólogos escolares no contexto pós-pandêmico.

Uma das atuações notáveis foram as de Branco *et al.* (2023), psicólogas do Instituto Federal de Brasília (IFB), que através de rodas de conversas virtuais, forneceram acolhimento à estudantes, familiares e professores. Com a proposta de promover a psicoeducação e a comunicação não-violenta, as autoras destacaram a importância de desenvolver o autoconhecimento nas relações interpessoais. Promoção esta que ajudou às crianças, adolescentes e adultos a identificarem emoções e sentimentos negativos, como desconfiança, ameaça e medo da morte, e os levando à prática de comportamentos generosos e cooperativos, mas que também desencadearam a agressividade, isolamento e medo do



contato (SOUZA, 2021). Através dos encontros, identificou-se as demandas dos alunos, sendo feito um acompanhamento integral com escuta; possibilitando ouvir e compreender o contexto de cada um deles, que ultrapassa os muros da escola (Branco *et al.*, 2023).

Da mesma forma, fazia Camargo e Carneiro (2020), promovendo momentos de orientação e acolhimento psicológico por meio de escutas em videochamadas, enfatizando que esses atendimentos buscavam estimular conversas e reflexões, acolhendo o sujeito, mas nunca assumindo um caráter psicoterapêutico.

Esses projetos de acolhimento evidenciaram situações de risco psicossocial que foram enfrentadas pelos estudantes durante a pandemia, destacando a incidência de sentimentos como ansiedade, tristeza e medo. Além disso, o isolamento possibilitou a exposição de estudantes a situações de conflito familiar e violência doméstica, o que intensificou a solidão diante do distanciamento social pela falta de redes de apoio (Branco *et al.*, 2023).

Para que o psicólogo escolar exerça uma atuação consciente e crítica em meio aos desafios da pandemia, Marinho-Araújo *et al.* (2022) pôs em prática o que foi proposto por Albuquerque *et al.* (2023), a criação de salas virtuais como um espaço de escuta e troca aos professores e familiares, potencializando mudanças na instituição e em suas práticas de ensino e aprendizagem. Utilizando então, a implementação do ensino remoto como forma de contribuir para além da educação, mas sabendo que nunca substituirá a primordialidade do presencial no desenvolvimento humano (Silva; Silva, 2023).

Em resumo, as ações realizadas pelos psicólogos escolares na pandemia eram sempre voltadas para a prevenção da saúde mental e psicoeducação, com o objetivo de fortalecer o sentimento de pertencimento dos indivíduos "isolados", desenvolvendo habilidades de autonomia e protagonismo. Reduzindo o estresse e construindo um ambiente seguro para prevenção do sofrimento psicológico (Branco; Costa; Pinto, 2023).

Inclusive, Souza (2021) acredita a angústia e mal-estar decorrentes da pandemia da COVID-19 só serão compreendidas quando houver um espaço de escuta voltado aos estudantes, familiares e aos educadores. Com as escutas, a autora percebeu que as perdas e restrições da pandemia evidenciaram a necessidade de ampliar a escuta no contexto pós-pandêmico. A escuta não é exclusiva aos psicanalistas e pode ser realizada até pelos educadores, sendo uma ferramenta essencial ao psicólogo escolar; permitindo que o sujeito se expresse, contribuindo na construção do conhecimento, reduzindo a somatização e o capacitando para uma melhor atuação em todos os contextos (Souza, 2021).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos estudos sobre Psicologia Escolar, muito se discute e pouco se conclui sobre a função do psicólogo no contexto educacional. Diante das novas realidades das instituições, há uma clara importância na atuação do psicólogo escolar. Não deve-se perder tempo





questionando e subestimando as limitações da profissão; ao contrário, é crucial concentrar esforços no combate do adoecimento mental dos estudantes, que sofreram impactos significativos em seu desenvolvimento durante a pandemia.

Portanto, deve-se reconhecer a primordial atuação dos muitos psicólogos escolares ao readaptar suas funções na instituição, ofertando rodas de conversa e salas de escuta remotamente aos estudantes, professores e demais profissionais da instituição. Intervenções estas, necessárias, para prevenir o agravamento da fragilidade emocional durante a quarentena, demonstrando que houve eficácia na escuta como instrumento psicológico e, especialmente, reforçando a necessidade do suporte psicológico para alívio do sofrimento mental.

Apesar da improvisação na transição do ensino presencial ao remoto, é notável que houveram algumas aprimorações no uso do EaD. O que poderia capacitar o aprimoramento e/ou a intensificação das ações anteriormente adotadas pelos psicólogos escolares no atual contexto pós-pandêmico. A implementação de serviços psicológicos, como plantões de escuta híbridos (online e presenciais), são capazes de estabelecer um espaço seguro de acolhimento e promoção de saúde aos jovens estudantes que enfrentam, agora, as consequências advindas do ensino remoto.

Além disso, os psicólogos deveriam considerar a possibilidade de oferecer escuta gratuita aos estudantes que dispõem de acesso a serviços psicológicos em suas escolas. Mesmo com a promulgação da Lei nº 13.935, a presença de psicólogos nas escolas brasileiras tem sido mínima. É injusto que os educadores, já lidando com a desvalorização de sua profissão, tenham que se encarregar de desempenhar o papel de escutar os alunos.

## REFERÊNCIAS

ACUNA, J. T. Perspectivas de professores sobre o suporte do psicólogo escolar ao processo de inclusão educacional. **Rev. Psicol.** UNESP, Assis, v. 19, n. 1, p. 88-100, jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v19n1/v19n1a06.pdf>.

ALBUQUERQUE, J. A. de; ALEXANDRINO, V. da C.; SILVA, C. L. de M.; DAZZANI, M. V. M.; AQUINO, F. de S. B. Demandas da Psicologia Escolar no Período de COVID-19: uma Revisão Sistemática. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 545-565, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/77698>.

BRANCO, M. L. C.; COSTA, L. S.; PINTO, I. S. R. Relato de Experiência: Intervenções em Psicologia Escolar na Educação Profissional e Tecnológica na Pandemia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 02, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/77700/47063>.

CAMARGO, N. C.; CARNEIRO, P. B. Potências e desafios da atuação em Psicologia Escolar na pandemia de Covid-19. **Cadernos de PsicologiaS**, Curitiba, n. 1, 2020. Disponível em: <https://cadernosdepsicologias.crprr.org.br/potencias-e-desafios-da-atuacao-em-psicologia-escolar-na-pandemia-de-covid-19>.





COSTA, R. M. P. da; SILVA, A. V. L. da; ARRAIS NETO, E. de A. Nefarious aspects of the Covid-19 pandemic on education policy in Brazil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e29310313313, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.13313. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13313>.

GROFF, A. R.; SOUZA, S. V. Práticas não medicalizantes na educação: contribuições da psicologia educacional na formação inicial e continuada de docentes. In: OLTRAMARI, L. C.; FEITOSA, L. R. C.; GESSER, M. Psicologia escolar e educacional: processos educacionais e debates contemporâneos. **Edições do Bosque**, 2020, pp. 33-53. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/42601/39496>.

MARINHO-ARAUJO, C. M., GALVÃO, P., NUNES, L. A. C. B., & NUNES, L. V. Psicologia Escolar no cenário da pandemia do COVID-19: ressignificando tempos e espaços para a atuação institucional. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 39, e210079, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e210079>.

NEGREIROS, F.; FERREIRA, B. de O. Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia? (org.). São Paulo: **Pimenta Cultural**, 2021. ISBN: 978-65-5939-044-1 (eBook). Disponível em: [https://www.ifpi.edu.br/noticias/eBook\\_PsicologiaEscolar.pdf](https://www.ifpi.edu.br/noticias/eBook_PsicologiaEscolar.pdf).

PRADO NETTO, A.; COSTA, O. S. A importância da psicologia da aprendizagem e suas teorias para o campo do ensino-aprendizagem. **Revista Fragmentos de Cultura** - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, Brasil, v. 27, n. 2, p. 216-224, 2017. DOI: 10.18224/frag.v27i2.4495. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4495>.

OLTRAMARI, L. C.; FEITOSA, L. R. C.; GESSER, M. Psicologia escolar e educacional: processos educacionais e debates contemporâneos. **Edições do Bosque**, 2020, pp. 33-53. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/42601/39496>.

ROCHA, P. D.; RIBEIRO, B.; CHRISTIANO, A. P. A atuação do psicólogo educacional e escolar: uma análise histórica. **Psicol. Polít. Públicas Desafios Tempos Sombrios**, ISSN 1679-558X, PUCPR, Londrina, 2018. Disponível em: [https://npd.uem.br/eventos/assets/uploads/files/evt/6/trabalhos/6\\_621\\_1523835798.pdf](https://npd.uem.br/eventos/assets/uploads/files/evt/6/trabalhos/6_621_1523835798.pdf).

RUIZ, João Amadeu. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: **Atlas**, 1992.

SANTANA, Thiago Pires. Prática pedagógica tradicional e inovadora. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 19, n. 216, p. 55-62, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/46598>.

SILVA, B. M.; SILVA, S. M. Psicologia Escolar e Educacional na crise sanitária e política: qual caminho seguir? **Revista Cocar**, [S. l.], v. 16, n. 34, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/5250>.

SOUZA, C. A. de. Notas sobre o fazer de uma psicóloga escolar na pandemia. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 17-28, abr. 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v26n1/a03v26n1.pdf>.

SOUZA, V. L. T. Psicologia Escolar e COVID-19. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 39, e220103, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/S5Rc4JJDQw5VVfNxfyWG7qM/?lang=pt>.

